

PENNA, AGULHA E COLHER

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alca (Caixa 49)

Supplemento da «Epoca» (Anno X)



Anno III -

Florianopolis, 18 de Outubro de 1919

Num. 9

A Ave-Maria

(Versão do hespanhol)

A Ave Maria  a mais poderosa e effizaz oração que os christos podem dirigir  Santissima Virgem Maria, para movel-a a interceder por elles ante a soberana majestade do Senhor, e isto por duas razões: a primeira, porque contm as principaes prerogativas da Santissima Virgem; a segunda, porque nella se recorda o mysterio adorabilissimo da Encarnação, fundamento de toda a grandeza de Maria.

Com effeito, a Santissima Virgem  um oceano de pureza e santidade, uma fonte donde brota a graa divina que chega at nós, prerogativa essa, indicada nas palavras: «Eu te saudo, cheia de graa!»

Ella  o tabernáculo da divindade, prerogativa indicada com as palavras: «O Senhor  contigo!»

Ella  a creatura escolhida entre milhares, e por isso  que nós Lhe dizemos, na Ave Maria: «Bemdita s tu entre todas as mulheres!»

Ella  a arvore preciosa cujo fructo deu Deus ao mundo, e esse privilegio  indicado nas palavras: «Bemdito  o fructo do teu ventre, Jesus!»

Todos estes privilegios de Maria tm sua origem no mysterio augusto da Encarnação do Verbo, mysterio esse annuciado pelo Anjo com as mesmas palavras que compõem a primeira parte da Ave Maria; mysterio pelo qual o Filho unignito de Deus, a segunda pessoa da Santissima Trindade, se fez homem nas entranhas virginaes de Maria, que foi assim elevada  dignidade ineffavel e incomprehensivel de Mãe de um Homem que era ao mesmo tempo Deus.

Rezar a Ave Maria , pois, repetir a saudação anglica;  lembrar  nossa Mãe a origem de sua grandeza;  trazer  sua memoria que o Filho nascido de suas purissimas entranhas  o fructo bemdito que com sua paixão e morte operou a nossa redempção, e reconciliou-nos com Deus, merecendo o perdão de nossos peccados e offerecendonos o remedio para as nossas miserias.

E em toda essa obra Ella teve grande parte, porque de seu purissimo sangue se formou o corpo que padeceu e se immolou por nós, e Ella mesma pedeceu voluntaria e generosamente pelos homens, e ao p da cruz soffreu em seu coração de Mãe o supplicio que seu Filho soffria cravado na cruz; por isso Elle nol-a deu por Mãe e a constituiu nossa medianeira.

E Ella, essa Mãe terna e carinhosa, accitou de bom grado o encargo e se obrigou de algum modo a interceder e rogar por nós.

Tudo isto lhe lembramos ao rezar a Ave Maria, e essa lembrança não poderá deixar de commover seu maternal coração, que não ficar indifferente s supplicas que seus filhos lhe dirigem, quando, no fim da saudação angelica, lhe dizem aquellas ternas e commovedoras palavras: «Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, peccadores, agora e na hora da nossa morte!»

Zenir Alca.

2) H. ABT

LABIOS MUDOS

E por mais vezes reuniram-se  noite; s vezes descansava a mãe, que era doente, mas que nunca gemia ou se queixava, em um sofá, e Malve trabalhava com seus delgados dedinhos em um artistico bordado.

Penna, Agulha e Colher

— Publicação semanal —

Assignaturas:

Anno	4\$000
Mez	\$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «Época» custa 2\$000.

Planegg sabia que ella trabalhava para ganhar dinheiro, e a impressão penosa que sentira a principio por isto, estava reprimida. Com interesse seguia o rapido progresso do seu trabalho, e quando ella um dia lhe communicou alegremente: «Imagine só — 520 marcos!» — tambem elle exclamou, cheio de prazer: «Valia mesmo 520 marcos!» E pouco faltou para beijar a pequena e applicada mão.

A cabeça do bacharel cahiu-lhe sobre o peito: tão visivel, como si estivesse mesmo acontecendo de novo, estava o passado diante d'elle — aquelle dia em que elle fôra com os cartões para mãe e filha, os cartões de entrada para o grande baile de mascara, ao qual Malve tinha tanta vontade de ir. **Mas a mãe** estava justamente naquella época muito abatida e não poderia acompanhar a filha.

Cedendo aos pedidos do bacharel, a senhora do general Schlottheim declarou-se prompta a acompanhar a jovem. Como Malve estava radiante! Tambem a mãe lhe apertára as mãos em mudo agradecimento, e elle se sentiu mais feliz que um rei.

E como estava Malve naquella noite! Com um simples vestido branco, feito por ella mesma, e com uma grinalda de rosas nos cabellos, parecia-lhe a creatura mais bella deste mundo!

Pouco depois de estarem no club, elle a deixára com a generala, para voltar um pouco depois com uma mascara, que lhe poz no rosto.

— Agora nada temos com os que aqui estão na sala. Agora é como si nós dous estivessemos sozinhos na festa.

E assim foi. A colorida e alegre massa os não incommodou.

Dansaram juntos, e elle chamava-a de tu, e esse — Tu, Malve — soava tão familiar de seus labios, que debaixo da mascara de velludo preto os della sorriam felizes. Quando elle a conduziu para o avarandado todo em flor, onde a mesa com a champagne os esperava, tirou-lhe a mascara de novo. E então tiraram taça com taça, e tomaram a espumante bebida.

O bacharel ergue-se de repente e anda agitado de um lado para o outro; depois pára subitamente, apertando a fronte com a mão. Assim elle tinha pulado de seu leito, na manhã que seguira á festa, e tinha batido na testa

como quem accorda depois de um longo dormir. Que tolice tinha feito hontem! Malve! Sim, ella o agradava, porque era fascinante, porém... sua mulher não podia nem devia ella ser! Uma moça pauperrimal! E que poderia elle fazer com ella? E para um simples passatempo era ella digna de mais. Elle devia esquecer tudo e fazer desaparecer aquelle amor. E elle o tinha feito, quando, de tarde, com um bouquet entrára na sala de Malve afim de perguntar si lhe agradára a festa. Falára nesse dia superficialmente de mil cousas, e se despedira.

Mas assim não podia continuar; não podia continuar a ver Malve diariamente, tinha de procurar outra casa. Umás semanas mais tarde mudará-se, de facto.

Elle imaginou sentir de novo o aperto da fraca mão, que pegára na sua, enquanto a mãe, olhando com cuidado maternal para Malve, dissera para o que partia: — Nós o veremos de novo, não é? — Certamente! exclamára elle.

Malve nada dissera. Frios e mortos jaziam os seus dedos nos d'elle. Seus olhos erravam no ar, em seus labios abertos pairava o silencio.

Elle entendeu esse silencio, que para elle gritava: Que me fazes? «Ella se consolará», dissera elle naquelle tempo, quando se accommodára em sua nova casa, e se precipitára no redemoinho da sociedade.

E si ella não se tivesse consolado?

Dé novo pega o bacharel na fita com a mascara dourada, e, cada vez mais alto, ouve dos labios mudos o grito doloroso: Que me fazes?

Ah! murmura elle, procedi como um covarde, um mesquinho! E fica a pensar no que succederá quando Malve ler em poucos dias, no jornal, o seu contracto de casamento com Isabella Henning. Ficarâ ella de novo assim com os mudos labios entreabertos?

A vergonha de ser ambicioso o martyrisa, e uma força invisivel o impelle com força para ella. E' como si não pudesse mandar aquella carta para o seu destino antes de ter tornado a ver Malve, antes de se ter certificado de que ella o esqueceu. Elle ainda quer vencer a voz da consciencia; todavia pega no chapéo e na casaco, colloca a carta de novo sobre a mesa e abandona a casa. Vendo, ao sahir, passar um carro vasio, elle o chama, e, tomando lugar, indica o seu destino sem pensar muito.

Afinal chega onde quer, e entra ás pressas na casa em que Malve habita com sua mãe, como si estivesse uma pessoa atraz d'elle, exclamando constantemente: depressa, bem depressa!

Quando quer puxar a sineta, a porta se abre, como si a porteira estivesse atraz della á sua espera. Era Malve! Ella tinha as mãos estendidas como si quizesse fazer entrar uma pessoa esperada há muito tempo; permanece, porém, assim, com as mãos estendidas, como paralyzada, quando vê quem ahí está.

Elle percebe logo que não é só este encontro inesperado que a abate assim, e grita assustado:

— Malve, pelo amor de Deus, que tem?

— Minha mãe... ella morre! O medico, onde fica elle tanto tempo?

Planegg desce immediatamente os degraus da escada.

— Eu o vou buscar. Coragem, Malve, coragem!

O medico com o qual volta dahi a alguns minutos, tem só pouco a receitar. Descanço deve ter a doente, tanto descansou como o que se necessita para morrer.

No quarto está o bacharel ao lado de Malve.

— Posso ficar ao seu lado? pergunta elle bem baixo. A Sra. está tão só, Malve,— posso ficar?

Silenciosa ella o olha por um instante; depois passa nas pontas dos pés por elle e vai para o quarto onde está a mãe moribunda.

O bacharel mesmo não sabe como, mas elle tambem se acha de repente no quarto, em frente ao leito, no qual repousa a doente, que o olha com olhos languidos como uma risão, estendendo-lhe em seguida as mãos supplicantes, enquanto os labios murmuram:

O senhor... veio... mesmo! Malvé... filha... elle tornou... a vir!

Ante o leito está Malve de joelhos e não se move. A mão da mãe procura sua cabeça, mas seus olhos só vêem aquelle que tornou a vir, e elles supplicam, elles ordenam: Não te vás novamente, não a deixes só quando eu tiver ido!

Planegg inclina a cabeça até que seus labios tocam a branca mão, como cera, que repouse na loira cabeça da filha. Era como si fizesse a muda promessa: Eu não a deixarei sozinha!

Sobre o leito paira um profundo e santo silencio, durante o qual imperceptivelmente uma alma se livra das cadeias do corpo e sobe aos céos.

Os olhos da doente se fecharam, mas os labios, para sempre mudos, sorriem suavemente...

Com um grito se eleva Malve: Mãe, mãe! Planegg fecha-lhe docemente a bocca.

Não perturbes o seu socego! Vê como ella sorri por te saber segura e feliz em meu coração!

E em seu coração descansou Malve, banhada em doloroso pranto, e elle promette a si mesmo: nunca mais a deixarei, mesmo que me tentem todos os thesouros do mundo!...

De facto, poucos dias depois se casaram Planegg e Malve, e elle nunca se arrependeu de ter casado por amor.

FIM

Creudas aristocraticas

Comédia em 3 actos

Adaptação de *Edésia Aducci*

—o—

PERSONAGENS:

D. Emilia Dalben, baroneza.

Zuleika, sua filha.

Amelia, Anastacia, Genoveva e Anna, creudas

Baroneza Flériot.

Condessa Zurbaran.

Wilma, amiga de Zuleika.

SCENA VI

As precedentes e Wilma.

Wilma — (espíando) Ah! estão todas aqui!... Mas... que vejo? Pensei que Anastacia, Anna e Genoveva estivessem de folga!

Zuleika — Há pouco que ellas voltaram, inesperadamente. Mas, diz-me, Wilma, já viste como ficou o nosso retrato?

Wilma — Horrivel!, Zuleika, nem fazes idéa! A marquezia ficou com o rosto todo embaciado: a Signorina Amoretta, com a bocca torta, e a Princeza parece ter tres narizes! (Ri)

Zuleika — Então vae depressa buscar a machina para tirarmos de novo o retrato, sim, Wilma?

Wilma — Sim, vou já. D. Emilia, posso mandar entrar minhas tias?

D. Emilia — Por certo, menina. (Vae á porta) Entrem, caras amigas, não façam cerimonia. (Wilma sae)

SCENA VII

As precedentes, menos Wilma, e mais a B. Flériot e a C. Zurbaran

B. Flériot — Mas... encontro aqui mais gente do que julgava encontrar!... Ah! as taes fidalgas aqui se acham em segunda edição! (Ri)

D. Emilia — Agora peço que nos desculpem, boas senhoras, por termos representado uma comedia!

C. Zurbaran — (rindo) Wilma já nos contou tudo.

B. Flériot — Que idéa tiveste, querida amiga!

D. Emilia — Espero que desta vez a minha idéa dê bom resultado, pois a puz em pratica (Mais baixo e apontando, ás escondidas, para as tres) para dar uma lição ás tres ex-fidalgas!

RECEITAS

Melindre de laranja

Descascam-se as laranjas (doces) e separam-se os gommos, dando-lhes em seguida um golpe no meio para retirar toda a polpa. O peso do assucar é igual ao da laranja. Vae ao fogo e toma-se ponto para cometeira. Não leva agua nenhuma.

—(o)—

Doce de laranja em calda

Cortam-se em tiras finas 12 laranjas doces com as cascas. Põe-se de mólho vinte e quatro horas em quatro litros d'agua e o sumo que escoreu das laranjas ao serem cortadas.

No dia seguinte fervem-se com tres kilos e meio de assucar crystalisado, até ficar com a calda grossa.

Depois de frio, põe-se o doce em vidros.

«O»

Laranjas crystalisadas

Preparam-se as laranjas como para o doce de laranja azeda, tão conhecido. Depois do doce prompto, põe-se a escorem numa peadeira; quando já estiverem as laranjas sem calda, passam-se em assucar crystalisado e deixam-se seccar bem.

DOMINIOS DA ESPHINGE

(9.º torneio charadistico)

Outubro, Novembro e Dezembro

Tres premios ás vencedoras

13—16) SYNCOPADAS.

3—O opulento prefere esta hortaliça—2

4—Famosa romana era esta mulher—3

4—O insecto é um animal—2

3—A planta medicinal cura o animal—2.

«O»

17—24) NOVISSIMAS

Mostra-se alegre, vendo a planta espinhosa, este homem—1,2.

Procura no mar a infiel que preparou este mólho—1,2.

Tem culpas, mas, neste encargo, alcançou indulgência—1,2.

Sim; mereceu punição porque nesta cerimonia mostrou-se negligente—1,2.

Heloisa.

«O»

A' E. A.

Temos muita agua para um banho aos pés—1,4.

Aqui está um numero e ali tambem, minha senhora—1,1,1.

Pertence a esta raça da America do sul; não está em guerra por falta de capacidade—2,1.

Da lua dei salto e cahi sobre esta planta—1,2.

Diva d'Alva.

6) ANCILLA DOMINI

Eugenio e Celina

Nova phase de não menos penosa provação começou desse dia para a infeliz rapariga. Augusto mudou de tactica, fez-se meigo, affectuoso, cheio de bondosas attentões para com a cunhada, a quem não falava mais em casamento. Fazia-lhe presentes de

valor, que eram todos invariavelmente rejeitados e devolvidos, máu grado, as acerbas e duras reprehensões de D. Emilia á filha. Cada dia mais agastada se tornava a senhora, e Augusto tinha a seu cargo manter sempre aquella irritação: o plano era vencer a obstinada recusa de Celina por meio dos máus tratos maternos.

Outra qualquer teria de facto cedido, pois a vida da joven era agora infernal.

D. Emilia só lhe dirigia a palavra com aspereza para ralhar a proposito de tudo, trazia-a quasi reclusa, sem uma distracção, sem nem a permissão de procurar as amigas mais intimas.

Evitava Celina estar a sós com o cunhado em cujo cavalheirismo não se podia fiar.

Uma tarde, entrou elle com essa intimidade que a sua situação na familia lhe dava, e encontrou as duas senhoras a coser no mais absoluto silencio. Depois de alguns cumprimentos á sogra, Augusto disse baixo a Celina.

— Preciso falar-te.

— Pois fala!

— Não aqui, quero falar-te a sós.

— Mas eu não quero!

— Celina!

— Então, que ha de novo?

— Vá lá, não queres sahir, ouvirás aqui mesmo,—disse elle com um sorriso máu:— Celina, não te moveu o meu amor immenso, não te move a piedade filial, vês quasi enlouquecer a tua mãe e não cedes, não te move ainda a sorte de teus pobres sobrinhos, mas has de ser minha, ouves? Não é possível que a minha vontade não vença a tua!— continuou elle em voz mais baixa ainda. — Sei um meio que te ha de fazer mudar de resolução. Escuta bem: está em minhas mãos ennodar-te a reputação...

Celina estremeceu e o cunhado continuou com sorriso diabolico:

— Ah! tens medo... Basta que com meias palavras eu insinue que a molestia de minha sogra é devida a *graves e secretos desgostos* de familia... e... e poderei ainda contar em confidencia a alguns amigos pouco discretos que mesmo em vida de minha mulher tu declaraste que me amavas... A pobresinha da Lucinda morreu de pezar porque adivinhou... emfim, um bello romance!

— Infame!—bradou a moça, erguendo-se num impeto de indignação.— Tu ousas?



Pede-se dirigir os pagamentos e pedidos de assignaturas á casa editora:

LIVRARIA CYSNE, Florianópolis
Rua 28 de Setembro N.º 8.